

Galeria Quadrado Azul

Isabel Ribeiro: *Fracciente*

Galeria Quadrado Azul, Porto, Portugal
2013.03.08—2013.04.12 / Inauguração: 8 Março, 16h

Texto: Nuno Ramalho

as nossas são as cidades do sucesso e da competitividade, ou seja, do mercado absolutista em que não só nos transformamos mas reconhecemos. são habitats de quem não pestaneja e sabe ser duro - o homo reaganus de mark fisher. são os espaços onde as culturas de subversão nascem e definham, transformando-se em êxitos de vendas. onde se compra o vintage e o retro à medida na nossa nostalgia. onde os desejos de milhões são talhados num anúncio viral, que nos é mais próximo do que um amigo. onde as chacinas são alinhadas em 200 palavras e 27 segundos, antes do seguimos agora com as notícias do desporto. a cidade da alienação, ou melhor, a alienação pela cidade, é captada com precisão nas perspectivas da isabel, porque não há aqui a receita do costume. as imagens até podem vir de outro lado; por isso temos mesmo de olhar com elas, de interrogar a sua escolha e ordenação. não há papinha feita, é cada um por si.

as cidades das bicicletas e ciclovias, dos mercados biológicos e das edições limitadas e exclusivas, dos bilhetes que esgotam e dos sujeitos-montra, dos êxtases com convite (plus one), do ênfase nas questões de saúde (guerra aos gordos, aos fumadores, toca a ir para o ginásio) mas só em algumas, já que a saúde intelectual não se livra da sua dieta de fast food: num suplemento anémico perto de si, as estrelas espalhadas sobre as palavras, os sons, as imagens, as ideias e os debates que valem a pena. que REALMENTE valem a pena. tudo light, com bom aspecto, orgânico. para além disso o cérebro já nem se preocupa, mas tem mais com que se ocupar: está agora transformado no ganha-pão preferido, deve ser por isso que anda em fuga. ou não houve alguém que falou em indústrias criativas? ainda bem que há operários chineses deprimidos a montar os nossos macs meta-modernos à moda antiga, senão é que estávamos mesmo fodidos. big caps e tudo.

e tudo e tudo. tudo à distância de um lol ou dois, porque somos bem cínicos e sabemos que eles sabem que nós sabemos que eles sabem que sabemos ter distância. vagamente deprimidos mas isso pode ser dos charros, essa indústria de futuro, que já nos embala desde que o capital fechou o seu retrato no sótão ou algures no bangladesh e se mantém sempre sempre sempre sempre jovem.

faz de conta que agora íamos todos para a china em vôos charter e quando lá chegássemos era logo para ocuparmos uma das cidades vazias que eles por lá têm. penso que encontrei o mesmo modelo ou parecido em trás-os-montes, quando comecei a reparar na multiplicação de construção que por lá anda, que não serve pessoas. para elas, ou para a sua ausência, há muitos prédios desengraçados com andares e algum mármore, porteiros electrónicos desactivados, provavelmente sem aquecimento central pois toda a gente sabe que portugal é um país africano de clima ameno, sobretudo em trás-os-montes. também para as pessoas em falta, muitas casas próprias, isoladas em mini-jardins às vezes sujeitos à manicure mais cuidada, com uns tons da europa central, só porque é mais civilizado e não há quem não goste de ser civilizado como os europeus mais brancos e mais sérios.

1/4

Galeria Quadrado Azul

quer dizer, haver pessoas, há; não é como nestes trabalhos da isabel. mas estarão nas cidades à séria, a ganhar não só a vida mas com um bocado de sorte uns trapitos mais jeitosos ou uns cavalos potentes e vermelhos, o inverso de uma cagadela por algumas dezenas de euros no restaurante mais socialmente relevante, o colégio mais moderno com a melhor estrutura pedagógica e por aí fora, porque o desejo tem muita fome e não há forma de o restringir.

bom. ordem.

então estamos na china e vamos ocupar uma das várias cidades - cidades completas, com prédios enormes, avenidas e tudo o resto, ainda a cheirar a tinta ou alcatrão. chegamos lá e somos outros, a literatura de viagem nivelou essa ideia da deslocação enquanto prisma da condição subjectiva. não haverá logo um guião?

o que é que mudaria efetivamente nas nossas relações, no nosso espaço social ou mental? quais os desempenhos dessas coreografias com elementos tão deslocados? que vida trás a arquitectura, demasiadas vezes atracada no sedentário, para além das abundantes abordagens críticas ao “projecto modernista” nas quais tanto artista se empenha?

gostava de encontrar essa novela de ficção científica à venda num hipermercado perto de mim, ao lado dos livros coloridos daquele sociólogo sempre muito correcto, com as ideias todas alinhadas pela luz mais retilínea do comércio a retalho.

idealmente, esse grande romance de ficção científica (isabel, desculpa a insistência, mas sabes que ando obcecado: como é que um país de poetas, de literatura, de palavra colocada... como é que quase não há ficção científica escrita, nem filmada, nem a passar para as outras formas de produção cultural?) seria escrito sem a solenidade trapaceira dos romancistas que ruminam as palavras até estas ficarem tísicas.

amiga,
outro golpe de rins.

os textos de sala ou como lhes queiram chamar - a produção escrita que inevitavelmente acompanha, de forma mais ou menos autónoma, complementar, ilustrativa, irritante, passiva, os trabalhos resultantes de um processo criativo - são sempre um bocado estranhos, mas não pelos motivos mais óbvios.

parece-me que não é muito errado supor um guião bastante básico para uns parágrafos de acompanhamento de uma exposição: toca-se nos assuntos-chave, apresentam-se umas referências, supõe-se um clímax e há quase sempre umas frases épicas no final a conduzir o visitante a uma espécie de coma induzido (ver mais abaixo).

há uma mecânica na sua produção que é reproduzível, com resultados desiguais. o objectivo será o de “dar a pensar”, ou “contextualizar” a produção artística que se está a comentar. a arquitectura passa por aqui. logo, a cidade. esta economia, a sua pertença ao trabalho intelectual tão fetichizado nos nossos dias, não cai do céu - a privatização deste tipo de textos é também ela um reflexo da forma como regulamos o nosso espaço social, que cada vez mais coincide com um suposto espaço subjectivo ou pessoal. uma coisa sobrepõe-se à outra.

2/4

Galeria Quadrado Azul

mas isto é a minha maneira de fazer arquitectura defensiva, aqui mesmo.

andava eu a tentar ser um gajo em condições, mas a televisão estava ligada. o som no mínimo.

no programa, jovens abaixo dos 30 anos (não sei se existem, diz que sim; sempre pensei que os jovens tinham todos entre 30 e 50 anos) andavam à caça de casa em londres. os apresentadores são agentes imobiliários, parece-me. e vão apresentando diversas opções. sempre em crescendo, até os jovens decidirem qual o melhor local para investirem as centenas de milhar de libras que pediram emprestadas para viverem na cidade mais cara do mundo, ou lá o que é. nada disto sabe falhar.

e isso levou-me a dispersar.

os fragmentos são uma coisa muito pós-moderna, dão para tudo; mas aqui, preciso de estilhaços enquanto estratégia para poder circular as obras que nos são dadas a ver, sem as ver e sem me meter com elas.

por exemplo: a gentileza e a luz que é concedida ao pinheiro, contaste-me que é árvore na casa, só aparentemente contrasta com a vertigem do desgraçado toldo negro.

essa é uma tela onde se projeta todo um ciclo de referências.

é como os lençóis que cobrem os fantasmas: se puxarmos por uma ponta é capaz de se desfazer a ilusão, e o assombro imaterial vai ao ar. mas nesta pintura, em negativo, cabe muita coisa. acho mesmo que está lá tudo o que me atrai ver. prosseguindo com exemplos dentro do exemplo: a cidade que se renova à força da lei da oferta e da procura - o capital está ali a reconfigurar, a dar de novo sem baralhar muito, envolto num miserável farrapo ou manto imperial, conforme a perspectiva, que carrega a dignidade de um sudário. absolutamente magnético, este negrume; de facto, absorve toda a luz mas emana muita mais.

há pois a polis, entre a verdadeira cidade eterna que é los angeles, (começa logo nas películas, essas todas que nós vemos por aí, mas sobretudo as da agnés varda e ok, vá lá, do thom andersen) e a cidade menos acomodada nos likes que é lagos, (essa que não vemos tanto e sobre a qual lemos nada, na nigéria). as duas em sprawl, múltiplas, esticadas, totalizantes e cheias de outras palavras solenes. e medo.

a persistência em distinguir e manipular pormenores no meio da algazarra urbana ressurge, complicada, naquela estranha desarrumação em que se encontra o automóvel. aquele electrodoméstico não se arruma assim, mas e se alguém o tiver assim arrumado, como é que queremos pensar sobre isso? casa, carro, a sua materialidade na vanguarda da renovação material da cidade. roupa lavada ou talvez não nos quartos de hotel. prefiro pensar que não.

o estranho, o inesperado, o esquisito. estes são alguns dos veículos com que a arte circula e através das quais se cumpre o tráfico de expectativas que a sua produção implica. o que apresente como parte visível da sua estrutura um investimento no desconhecido, terá, à partida, um retorno garantido - ou então cai por terra.

Galeria Quadrado Azul

o falhanço, tão caro, isabel, aparece consistentemente manipulado e incorporado nos esforços do teu trabalho. parece-me que as pinturas são construídas de forma a nunca completarem a sua própria ambição totalitária. mas são mais honestas porque não partem logo a louça toda.

olhamos para as pinceladas e está lá a inscrição sagrada do trabalho, que é a nossa irrevogável condição humana. mas o irrevogável nunca é o que era, como aliás qualquer palavra que herdamos. vai sendo. o problema é que também lá está inscrito o falhanço dessa fé cega que o trabalho induz: basta chegarmo-nos um pouco para trás e olharmos novamente para estes trabalhos (sim, há que reproduzir os tiques dos visitantes em frente a obras de arte, mas com mais investimento e menos pose).

está lá a ameaça do vago: a coisa técnica não se apresenta completamente solucionada, não quer ser a ilustração do bem feito, da arte enquanto pirotecnia ou exercício de ginástica plenamente executado. estes trabalhos transportam assim um duplo trabalho, são formas de contra-produção. por um lado, capta-se o normativo (a pintura, composta, codificada, referente a; portanto, económica); por outro, apresenta-se a mecânica dessa captação (a pincelada derrotada na sua própria vaidade e desejo de se cumprir, o exotérico a transformar-se em esotérico, a paisagem que nunca será mais do que um desterro; a coisa complicada).

é essa coisa que temos de aprender a celebrar; os teus trabalhos são pistas para esse processo de desocultar, que é permanente e sem fim à vista.
(frase mais ou menos moralizante e/ou moralista, com menos peso do que o pretendido para um final ressonante, mas enfim. lol)